

Entre sentir e agir: uma análise comparativa do medo nas obras de Sérgio Buarque de Holanda e Octávio Paz

Duarte, Bárbara Sofia Félix; Filho, Ricardo Caldas Cavalcanti

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Duarte, B. S. F., & Filho, R. C. C. (2017). Entre sentir e agir: uma análise comparativa do medo nas obras de Sérgio Buarque de Holanda e Octávio Paz. *Idealogando: revista de ciências sociais da UFPE*, 1(1), 35-43. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-57070-8>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY-NC Lizenz (Namensnennung-Nicht-kommerziell) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.de>

Terms of use:

This document is made available under a CC BY-NC Licence (Attribution-NonCommercial). For more information see: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

ENTRE SENTIR E AGIR: uma análise comparativa do medo nas obras de Sérgio Buarque de Holanda e Octávio Paz

Bárbara Sofia Félix DUARTE¹
Ricardo Caldas Cavalcanti FILHO²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo central analisar comparativamente as diferentes tendências de ação geradas pelo medo nas obras de Sérgio Buarque de Holanda (Raízes do Brasil) e Octávio Paz (O labirinto da Solidão). O medo opera de formas distintas nos contextos descritos, associado e articulado a outras emoções, resulta em características próprias a cada um dos povos: o brasileiro e o mexicano.

Palavras-chaves: Medo. Otávio Paz. Sérgio Buarque de Holanda. Emoções. Tendências de ação.

INTRODUÇÃO

O campo de estudo da sociologia das emoções têm como uma das preocupações centrais demonstrar/argumentar que o processo de produção de emoções não se dá de forma puramente biológica. O caminho de tal processo, passa pela historicização e sociologização das emoções, demonstrando que diante de certos fatos históricos e sociais ocorreram transformações do escopo de emoções nos indivíduos atingidos por esses processos. Conjuntos de emoções deixaram de operar e outros ganham o protagonismo. Podemos observar essa passagem de maneira mais clara a partir da análise feita por Elias (1990;1993) do processo de pacificação de sociedade europeia. Processo este onde um conjunto de emoções associadas à violência deu lugar a auto regulação individual desses impulsos.

¹ Cursa ciências sociais (bacharelado). Integrante do NEPS/UFPE- Núcleo de Estudos e Pesquisas em Criminalidade, Violência e Políticas Públicas e do NUCEM - Núcleo de Cidadania, Exclusão e Processos de Mudança. UFPE, E-mail: barbarasfduarte@gmail.com

² Cursando bacharelado em ciências sociais, UFPE. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Criminalidade, Violência e Políticas Públicas de Segurança (NEPS), UFPE, E-mail: ricardocaldas13@gmail.com

Uma outra via explicativa vem das comparações intersocietárias, pois acabam demonstrando que em determinadas nações, cidades, territórios, povos, apresentam em seu repertório simbólico cognitivo a presença de certas emoções que em outros domínios não se fazem presentes. As variáveis centrais para entender tais diferenças passam pelos padrões interativos, formações culturais e ecológicas, estruturas de poder e de origem desses locais, além de desenhos institucionais e etc. Estas seriam algumas das mais importantes categorias analíticas utilizadas pelos cientistas sociais para analisar seus objetos de estudos.

Essa concepção acima descrita não se trata de querer diminuir ou eliminar o papel explicativo da biologia no campo das emoções. Pelo contrário, abordagens pluriepistemológicas e metodológicas tornam, em via regra, a compreensão de qualquer fenômeno mais completa. Por assim dizer, é possível entender as emoções como um objeto de análise sócio-biológico. Ou seja, as emoções possuem propriedades características das duas ciências, cabendo ao pesquisador escolher a “lente” ao qual ele buscará compreender o fenômeno.

Escolhendo a “lente” social das emoções, o presente trabalho tem como objetivo central detectar e analisar a presença do medo nas obras de Sérgio Buarque de Holanda e Octávio Paz. Buscando também elucidar, principalmente, as diferentes tendências de ação (*tendency of action*) geradas por este sentimento, que em nossa concepção, corresponderia ao “pano de fundo” das duas situações explicitadas.

Ambos os autores são considerados clássicos em seus países de origem, já que elaboraram, aparentemente, duas chaves explicativas e interpretativas para decifrar questões acerca da identidade e do sentido de suas nações. Revelam-se, desta maneira, uma base de apoio segura e repleta de valiosos *insights* a cerca dos universos nacionais a que buscaram analisar em suas obras.

O MEDO NO HOMEM CORDIAL DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Quando se fala no Homem cordial, análise clássica a respeito da identidade nacional feita por Sérgio Buarque do Holanda, a primeira noção que, geralmente, nos veem à cabeça está ligada ao fato deste ser um tipo social que não possui afinidades eletivas com o modelo burocrático racional. Sua base de ação está voltada na dominação tradicional. Podemos traduzir isso no campo da administração estatal na noção de patrimonialismo. No

patrimonialismo não há uma separação entre os limites público e privado, pelo contrário, ambos se confundem.

Para o funcionário patrimonial, a gestão política apresenta-se como assunto de seu interesse particular. A escolha dos indivíduos que irão exercer funções públicas está atrelada à confiança pessoal que os candidatos possuem muito mais do que suas capacidades próprias. Outro aspecto que está presente no Homem cordial é a predominância do núcleo familiar patriarcal, até mesmo em instituições de caráter democrático, baseadas em regras impessoais e neutras.

Esse protagonismo da família, na visão de Sérgio Buarque, produz uma sociedade que tende a ser precária na luta pela transição de um estado marcado pela dominação tradicional para um estado burocrático/racional. A coexistências de ambas as ordens é incompatível. O estado, dotado de leis impessoais e racionais, só nasce com a transgressão de ordem familiar e doméstica.

Feita essa breve caracterização dos conceitos básicos do homem cordial, não está no centro da nossa discussão se essa formulação faz-se ainda como válida para se elaborar uma análise sobre o Brasil. O que nos interessa primordialmente é investigar a caracterização emocional do homem cordial, e quais são as consequências disso no plano de ações dos atores e nas relações sociais.

Para o autor, além das características supracitadas, o homem cordial é permeado pelo medo de sentir-se isolado e conviver consigo mesmo. O medo de sentir-se isolado, faz com que se tenha horror às distâncias, tonando-se constante à tentativa de estabelecer intimidade. Como consequência, o campo da ação do homem cordial é marcado pela presença, do que nós denominamos, de mecanismos de proximidade. Estes possuem a finalidade central de reduzir tais distâncias nas relações sociais atenuando o medo permanente de sentir-se só.

No homem cordial, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p.147)

Dentre tais mecanismos, Sérgio Buarque nos destaca três. O primeiro deles é o emprego de nomes e objetos no diminutivo. “Serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos, e ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também aproxima-los do coração” (*op.cit* P.148). O segundo é a omissão do nome da família no tratamento social. Para o autor, essa é uma forma de abolir barreiras psicológicas presentes nas diferenças de poder entre famílias.

O terceiro, e mais destacado pelo autor, está presente no campo religioso. O homem cordial utiliza-se do ambiente das missas como uma esfera de socialização e formação de laços íntimos, e de fuga e libertação do medo de vê-se isolado. Por conta disso, temos um cenário de flexibilização dos cultos, tornando-os menos formais em termos estéticos e de conteúdo, e a humanização dos santos, dando a eles contornos mundanos. Além de tornar Deus, mais amigo, familiar, íntimo e doméstico.

Na concepção tradicional de culto, este é um momento que exige silêncio, atenção, e distância de Deus e dos Santos. Além de disciplina e formalidade tanto em termos estéticos quanto em termos de conteúdo. O culto descrito por Sérgio Buarque inverte totalmente essas concepções. O trecho abaixo serve como uma ilustração de tal cenário, pois mostra as especificidades do culto celebrado no Brasil.

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma santa Teresa de Lisieux — santa Teresinha — resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as distâncias. É o que também ocorreu com o nosso Menino Jesus, companheiro de brinquedo das crianças e que faz pensar menos no Jesus dos evangelhos canônicos do que no de certos apócrifos, principalmente as diversas redações do Evangelho da Infância. Os que assistiram às festas do Senhor Bom Jesus de Pirapora, em São Paulo, conhecem a história do Cristo que desce do altar para sambar com o povo. (*op.cit*, p.149)

Para ele, essa diferença na forma de execução dos cultos, gerou uma perda de vigor moral, por parte da igreja, no momento de impor à sua ordem. Ela foi incapaz exercer o controle das interações cotidianas e de, sobretudo, impor mecanismos disciplinadores que valorizassem o trabalho e a riqueza. Diferentemente, por exemplo, do protestantismo, onde à presença desse elemento gerou afinidades eletivas com o capitalismo moderno, de acordo com a clássica tese de Max Weber.

Esses mecanismos de proximidade, que são uma resposta ao medo do isolamento social, tiveram como consequência no plano das relações sociais o estabelecimento de uma ética de fundo emotivo que passou a mediá-las. Essa ética perpassa todo o tecido social brasileiro, segundo Buarque. Tonando-se uma forma de convívio que seria uma das especificidades da realidade nacional.

Em suma, podemos verificar que a tendência de ação (*Elster, 1999*) gerada pelo medo, em Buarque de Holanda, está relacionada à aproximação entre os indivíduos na esfera pública a qualquer custo. Podendo gerar cenários de extremismo, afinal o Homem cordial é aquele

que é capaz de amar e odiar na mesma intensidade. Essa emoção não só leva aos atores elaborarem estratégias para se verem longe dela, mas também tem reflexos nas relações sociais. Criando, sobretudo, um ambiente de predomínio de relações emotivas.

OCTÁVIO PAZ E O AS MÁSCARAS MEXICANAS

Octavio Paz Lozano foi poeta, ensaísta, tradutor e chegou a ser diplomata mexicano em 1945. Ficou conhecido fundamentalmente por seus trabalhos no campo da poesia moderna ou vanguardista. Em 1990 recebeu um Nobel de Literatura, ingressou no serviço diplomático mexicano, publicou livros de poesia e ensaios de literatura, arte, cultura e política, dentre tantas outras coisas. A leitura de uma de suas obras *O labirinto da Solidão* despertou em nós especial atenção a cerca de suas descrições do mexicano e de sua personalidade. Este foi o gancho fundamental para construção de uma interpretação peculiar, enxergando-a através de uma ciência mais específica, a sociologia das emoções.

Na tentativa de simplificar as relações estabelecidas ao longo desta interpretação, faz-se necessário recorrer a elementos importantes, mas em certo sentido distantes do objeto de análise, alguns fatos históricos marcantes. A “história” do México é composta por várias fases, desde o período anterior a Conquista espanhola até a atualidade. Esta trajetória esteve marcada pela multiplicidade de modos de vida de distintos grupos étnicos até a tentativa de integração e universalização do ser mexicano. A aparente capacidade de lidar com as diferenças dentro de um único território parecem ter permitido processos menos violentos de disputa e dominação. No entanto, essa busca por modelos de governança que preservassem suas particularidades e que ao mesmo tempo integrassem o mexicano em uma comunidade universal aparentaram ser o melhor projeto.

Os processos de dominação e resistência que constroem a história do México revelam intensas marcas na formação do que seria a mexicanidade e o sentimento de identificação por parte dos habitantes locais. Essas perdas e ganhos vivenciados pelo povo que ali habitava, acabaram por formar um labirinto cultural. A necessidade da formação de um Estado nacional, que permeou a história da maioria dos países que passaram pelo processo de colonização europeia, impôs a assimilação de elementos nativos e externos, como uma colcha de retalhos de simbologias, crenças e modos de vida, com o intuito de construir algo novo, capaz de agregar, mas que no final da contas não conseguiu atingir seu objetivo, pois existiam lacunas não preenchidas que provocavam um sentimento de orfandade e solidão nos

indivíduos mexicanos. O passado, a história e as memórias do passado não eram mais parte daquele todo acolhedor.

As máscaras descritas por Paz em seu primeiro capítulo revelam o jogo de reinvenção e adaptação protagonizado pelos mexicanos. A tentativa está em esconder-se e afastar o outro de lamentações, pois o mexicano educou-se a não parecer fraco nem vulnerável, principalmente o homem mexicano e ao mesmo tempo superar o labirinto, a solidão da modernidade e conseguir viver ao se adequar às circunstâncias.

A individualidade tratada na obra indica a existência do indivíduo, de sua singularidade e sua trajetória, capaz de ultrapassar mudanças e conflitos, mas sempre cheia de marcas deste passado. A confusão destes caminhos tortuosos, nomeados de labirinto, guardaria um passado de eventos confusos que não se consegue identificar um ponto de origem, onde todos partilham, uma mexicanidade por assim dizer.

O advento da modernidade, fundamental para superar esses conflitos, acaba por reforçar a solidão ao afirmar a importância do indivíduo que neste caso distancia cada vez mais uns dos outros. O México, neste caso, não consegue encontrar correspondências estéticas, busca mas não alcança, e isso revela o inconformismo com o desprezo de todo o passado de referências que parece ter sido esquecido. Somente com a Revolução Mexicana é que o autor acredita que se encontrará a autenticidade do ser mexicano. Já que o fluxo de imposições seria interrompido por contestação e tentativa de reconstrução de uma nova referência. A cultura seria o recurso fundamental para lidar com a natureza e seus domínios.

O mexicano, para Paz, é um ser que sempre recorre ao mimetismo, que se camufla, que se esconde afim de que ninguém possa descobrir quem ele é e torná-lo vulnerável, e nossa interpretação atribui ao medo todo este comportamento. Segundo Paz, o mexicano sempre está longe, longe do mundo e longe de si mesmo, já que “entre a realidade e sua pessoa se estabelece uma muralha, invisível mas não infranqueável, de impassibilidade e distância” (p.31).

Esse empreendimento estético-literário, escrito e idealizado por Otavio Paz, é além de tudo mais uma leitura do Latino. O autor descreve o mexicano como um ser que se encontra perdido, o mexicano está num labirinto, e espera que o fio o conduza novamente a suas origens (o fio de Ariadne). A solidão procura uma saída que o liberte, mas o seu medo do

mundo, dos outros, de tudo, como o reflexo do lugar de onde emergiu, dão origem a esta personalidade peculiar.

A compreensão a cerca do sentimento de solidão ao estar inserido num labirinto de entradas e saídas confusas representaria o caráter desconstruído do indivíduo em relação a sua história, memória e cultura. Ser surpreendido por um novo modelo a ser seguido, que em certos casos até disse ter tentado conciliar os dois mundos tão distintos, provoca em seu limite o perder-se em si mesmo, desconhecer o seu eu e seus próximos, agora readaptados, reprogramados e coagidos a ser de repente o que nunca fez parte de sua trajetória. Perderam sua identidade com o tempo e surpreendentemente passaram a serem prisioneiros de um novo modelo, das máscaras importadas e adaptadas à realidade.

A simbologia das máscaras é semelhante ao uso coloquial deste elemento. Serve para esconder, disfarçar-se, fantasiar-se e até ludibriar o outro com tal aparência surreal. Conforme dito por Paz, “velho ou adolescente, branco ou mestiço, general, operário ou doutor, sempre vejo o mexicano como um ser que se fecha e se preserva: mascara o rosto e mascara o sorriso.” (p.31) e neste sentido utiliza-se deste recurso para proteção de si, fechando-se.

O outro para o mexicano é sinônimo de risco, vulnerabilidade, é alguém capaz de, contaminado pela ira, feri-lo, já que tudo pode ferir, as palavras e as suspeitas de palavras são capazes de invadir o seu corpo, seu limite, seu domínio.

O valor da hombridade para o mexicano é essencial. Ele não pode rachar. Não rachar significa não se abrir. Para ele, quem se abre é **medroso**; ao contrário do que acontece com outros povos como os brasileiros, abrir-se é para o mexicano uma fraqueza, uma traição. Não pode permitir que o mundo externo penetre em sua intimidade. O rachado não é de confiança, é um traidor ou um homem de fidelidade duvidosa, que conta segredos ou é incapaz de enfrentar os perigos como se deve. E isto também pode ser visto como uma distinção de gênero, já que quem não pode rachar é o homem, pois a mulher nasce rachada por natureza “As mulheres são inferiores, pois se entregam, se abrem, sua inferioridade está em seu sexo, em seu rasgão, ferida que nunca cicatriza.” O mexicano, por medo, impede a intimidade, os excessos, reprime explosões. Prefere conter-se em seu limite, e mantendo o que for possível sob controle. Sua forma, sua ordem, seu domínio, estão traduzidos em outros contextos da vida cotidiana, por exemplo, mas sempre em função deste medo que limita, previne e evita relações.

CONCLUSÃO

Percebe-se, portanto, que os dois universos literários, de caráter sociológico ou não, carregam indícios dos contextos socioculturais a que buscam descrever. Parece que as atitudes e vivências dos indivíduos circunscritos em seu universo histórico-cultural, pautadas no medo, são traduzidas em atitudes completamente diferentes, arriscando até contrapô-las diante de um esquema de semelhanças e diferenças em relação as mesmas fatos da vida cotidiana.

Em termos comparativos é possível notar que o medo opera de formas distintas nos contextos analisados pelos autores. Em Otávio Paz, o medo faz com que os mexicanos se retraiam, optem por um isolamento social voluntário. Apenas em poucos momentos é que temos o rompimento desse isolamento gerado pelo medo. O dia dos mortos é um desses momentos.

Já em Sérgio Buarque, o medo de encontrar-se isolado socialmente, faz com que o brasileiro busque mostra-se, expandir-se, agregando-se para evitar cair em tal problema. Todos os momentos e todas as relações sociais são uma oportunidade para criar novos laços e, conseqüentemente, ver-se livre de tal emoção que os aflige.

Tal diferença nos demonstra a importância de interpretar as sociedades, os indivíduos, suas possíveis reações a fatos semelhantes, a partir do viés da sociologia das emoções, isso possibilita compreender certas dinâmicas particulares e, de certa forma, abrir mão de raciocínios determinísticos. Certas emoções podem até serem universais, como o medo, no entanto, a forma de vivência, os sentidos dados pelos atores sociais diante de tal emoção podem ser variados, como nos mostram Otávio Paz e Sérgio Buarque de Holanda.

Este esforço intelectual resultou em relevante exercício de levantamento de recursos que aparentemente não são compreensões sociológicas, mas que facilitam, elaborar um esquema descritivo de dois universos distintos e transpô-los para um esquema analítico pautado em perspectivas peculiares. A escolha do medo se fez interessante pois é um sentimento que por vezes não se revela por completo, mas que se traduz em posturas silenciosas e precavidas, em estratégias de ação que buscam determinado objetivo, neste caso parece que conservar-se é o principal deles. Para muitas compreensões o medo é inerente ao ser humano, mas não vem ao caso discutir este mérito, o que queremos destacar é que esta é uma possibilidade interessante, identificar sentimentos e emoções em contextos sociais diferentes nos dá a chance de acessar elementos aparentemente escondidos, que se revelam

em detalhes, e parecem responder a questionamentos aparentemente limitados a concepções objetivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes**, tradução brasileira de Ruy Jungmann, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, vol. 1, 1990.

_____. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**, tradução brasileira de Ruy Jungmann, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, vol. 2, 1993

ELSTER, Jon. **Alchemy of the Mind: Rationality and the Emotions**. 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, companhia das letras, 1995

PAZ, Otávio. **O Labirinto da Solidão e post-scriptum**. 3º Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

ABSTRACT

This work has as main objective to analyze comparatively the different tendencies of action generated by fear in the works of Sérgio Buarque de Holanda (Roots of Brazil) and Octávio Paz (The Labyrinth of Loneliness). Fear operates in different ways in the described and associated contexts with other emotions, results in To each of the peoples: the Brazilian and the Mexican.

Keywords: Fear. Otávio Paz. Sérgio Buarque de Holanda. Emotions. Trends in action.

Recebido em 04.11.2016

Aprovado em 10.12.2016